

EUCLIDES DA CUNHA: ITINERÁRIO DE UM “EVOLUCIONISTA” E “REVOLUCIONÁRIO”

Rinaldo de Fernandes* (UFPB)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

A biografia de Euclides da Cunha é extensa e controversa. Desde sua infância difícil e seu ingresso na Escola Militar, sua atuação como correspondente e escritor do **Estado de São Paulo**, até sua morte trágica no Rio de Janeiro. Por onde passou, Euclides deixou sua marca como escritor, antropólogo e político. Em sua grande obra, **Os sertões**, ele denuncia as disparidades sociais e o desprezo histórico às populações interioranas. Seu estilo incomum, uma mistura de épico, lírico e dramático, o torna um dos mais célebres autores da cultura brasileira.

Palavras-Chave: Euclides da Cunha, Roberto Ventura, Conselheiro, **Os sertões**

ABSTRACT

The biography of Euclides da Cunha is extense and controversia, starting from his difficult childhood and his entrance into the Military College, his role as a correspondent and a writer for the **Estado de São Paulo**, up to his tragic death in Rio de Janeiro. Wherever he went, Euclides left his mark as a writer, as an antropolist and as a politian. In his great work, **Os sertões**, he denounced social inequality and the historic ignoring of the population from the interior of the country. His unusual style, his mixture of epic, lyrical and dramatic, make him of the most celebrated authors of Brazilian cultura.

Key words: Euclides da Cunha, Roberto Ventura, Conselheiro, **Os sertões**

*Escritor e professor de literatura na Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Letras pela Unicamp, com tese sobre *A guerra do fim do mundo*, de Mario Vargas Llosa. Organizador das coletâneas *O Clarim* e *a Oração: cem anos de Os sertões* (São Paulo: Geração Editorial, 2002), *Chico Buarque do Brasil* (Rio de Janeiro: Garamond/Fundação Biblioteca Nacional, 2004), *Capitu mandou flores* (São Paulo: Geração Editorial, 2008), entre outras. Autor do livro de contos *O perfume de Roberta* (Rio de Janeiro: Garamond, 2005) e do romance *Rita no Pomar* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2008 – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2009).

1 “QUASE-BIOGRAFIA DE EUCLIDES DA CUNHA”¹

O indivíduo interessado em conhecer mais detalhadamente a vida e a obra de Euclides da Cunha deve começar lendo o que Roberto Ventura, intelectual carioca, falecido em 2002, produziu. Nesse sentido, é bom estar atento, pois aquele que é o principal trabalho de Ventura sobre o autor de **Os sertões** acaba de ser lançado – **Euclides da Cunha: esboço biográfico** (São Paulo: Cia. das Letras, 2003).

No início do esboço biográfico somos informados de que o avô paterno de Euclides traficava escravos para abastecer “os sobrados e solares de Salvador e as casas-grandes e senzalas dos engenhos de açúcar do Recôncavo Baiano”. Interessado em mostrar o pano de fundo histórico para melhor esclarecer o percurso desse antecedente de sua personagem, o biógrafo diz – o dado terminará tendo relação com o nascimento de Euclides – que, por pressões da Inglaterra, o tráfico é interrompido de vez no Brasil em 1850. Uma década depois, o pai de Euclides, Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, e num momento em que o trabalho escravo está sendo substituído pelo assalariado, “percorria as fazendas de Cantagalo, para fazer a contabilidade dos livros-caixa e das contas correntes”. É nesse trecho que Manuel conhece e se casa com Eudóxia Alves Moreira, tendo com ela Euclides (1866) e Adélia (1867). A trajetória de Euclides órfão (a mãe, como ele, teve tuberculose), que vive na casa de parentes, é narrada com detalhes, sendo que o mais importante desse passo inicial são as primeiras letras, os vários colégios por onde passa o escritor. No Colégio Aquino, no Rio de Janeiro, onde estuda com Benjamin Constant, Euclides terá uma experiência importante, publicando seu primeiro artigo e passando a ler os românticos franceses Victor Hugo e Jules Michelet (ambos escreveram sobre a Revolução Francesa – Hugo, o romance *Quatre-vingt-treize*, publicado em 1874; e Michelet, a famosa *Histoire de la Révolution Française*, que saiu entre 1847-53). Após abordar poemas que integram *Ondas* (escritos por Euclides entre os 17 e os 18 anos e que enfocam personagens da Revolução Francesa), o biógrafo passa a interpretar os ideais românticos e revolucionários de Euclides, mostrando que eles não marcaram apenas seus dias de estudante no Colégio Aquino – “fizeram-se presentes em sua obra”. O romantismo de Euclides, dizendo melhor, vai “muito além de seus escritos”, uma vez que na vida ele adotou “atitudes extremadas e gestos arrebatados, com atos de heroísmo e abnegação, em que colocou a defesa de princípios éticos e de crenças políticas acima dos interesses pessoais”.

Muito interessante o capítulo em que é abordada a permanência de Euclides, a partir de 1886, na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio. A escola, informa

¹ Resenha publicada no Caderno “Idéias”, do Jornal do Brasil, em 6/9/2003. Revista.

o biógrafo, “era um centro de irradiação de idéias positivistas, evolucionistas e republicanas”. No caso, o positivismo de Augusto Comte e o evolucionismo de Herbert Spencer – “as duas concepções científicas e filosóficas a que Euclides aderiu como cadete e jovem oficial do Exército”. A Revolução Francesa é que irá servir de inspiração para Euclides e os republicanos investirem contra a Monarquia, “acusada de arbítrio político, sobretudo em suas relações com o Exército”. Não perdendo nunca de vista o contexto histórico, sobretudo o momento que antecede e que sucede a aprovação da Lei Áurea, Roberto Ventura aborda neste ponto o descontentamento dos cadetes com relação a promoções e narra com detalhes o episódio em que Euclides, num ato de indisciplina, e já bastante impregnado de idéias republicanas, desacata Tomás Coelho, ministro da Guerra, atirando-lhe aos pés o sabre. Ventura repassa os jornais da época, mostrando a repercussão do episódio, até chegar à própria versão de Euclides, manifestada, cerca de 20 anos depois, em conversa com o político e diplomata Gastão da Cunha. O principal da versão de Euclides se resume nesta passagem: “O meu plano era revoltar toda a escola, prender até o ministro e bater em marcha para São Cristóvão, onde prenderíamos o imperador. Tinha a certeza absoluta, plena, de que a República estava feita. Era questão de dias...”.

Outro momento interessante é aquele em que Ventura mostra o vínculo de Euclides com Julio Mesquita e **A província de São Paulo** (transformado depois em **O Estado de S. Paulo**). Diz o biógrafo que “a colaboração de Euclides servia aos propósitos do jornal, que fazia propaganda pela República”. Euclides colabora quase vinte anos com o jornal: “Foram ao todo 114 artigos e ensaios, catorze na Província e cem no Estado, além de 57 telegramas sobre o conflito de Canudos e um poema”. Publica seu primeiro artigo, em 22 de dezembro de 1888, assinando “E.C.”. Em textos posteriores, põe o pseudônimo “Proudhon” (a quem o autor de **Contrastes e confrontos** admirava). Pelo que mostra o biógrafo, o que há de mais importante nos artigos que Euclides escreve antes da proclamação da República, em 1889, é mesmo “sua versão do ideal republicano”. Os republicanos do período compunham duas vertentes: os “evolucionistas”, que acreditavam na “transição pacífica para a nova forma de governo”, e os “revolucionários”, que queriam romper com a Monarquia através de um movimento armado, guiado pelo povo ou pelo Exército. Conclui o biógrafo que Euclides era a um só tempo “evolucionista e revolucionário”.

No capítulo intitulado “Ruína dos ideais”, Roberto Ventura aborda, entre outros assuntos, o encilhamento, as perseguições políticas do início da República e a Revolta da Armada, confronto entre a Marinha e o Exército ocorrido entre setembro de 1893 e março de 1894, do qual Euclides participa. Sendo um trabalho inacabado, faltando “o desenvolvimento das principais interpretações que Roberto fizera sobre a vida e a obra de Euclides”, conforme anuncia em seu texto de apresentação Mario Cesar

Carvalho, um dos organizadores do volume, o certo é que a “mera exposição de fatos e dados” – Ventura manifestou esta preocupação com relação ao gênero biográfico – não apaga o brilho desse texto claro, fluido, sem qualquer sestro acadêmico. Talvez a mais importante interpretação que Ventura se propunha a desenvolver se fizesse presente a partir dos capítulos centrais, notadamente no 5 (“O arraial maldito”), que narra a ida de Euclides a Canudos como correspondente de **O Estado de S. Paulo**, avaliando ainda o silêncio do escritor com as atrocidades da guerra, e no 6 (“Os sertões revisitados”), que mostra as relações de Euclides com a comunidade científica (Orville A. Derby, Teodoro Sampaio), detendo-se um pouco mais em **Os sertões**, no Conselheiro e na revisão crítica da República que Euclides empreende em seu “livro vingador”. Neste ponto provavelmente o biógrafo faria uma avaliação mais funda das afinidades entre a vida de Euclides e a do Conselheiro, algo de que ele já vinha tratando em textos e revelando a amigos ou em entrevistas. Quanto a isso, dois aspectos importantes, anunciados por Ventura em entrevista a **O Estado de S. Paulo** meses antes de morrer – em agosto do ano passado, em acidente de carro ao retornar da Semana Euclidiana, realizada anualmente em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo –, orientariam essa passagem da biografia, ou esboço biográfico, de Euclides. No primeiro, o biógrafo buscaria as afinidades existentes entre a trajetória do Conselheiro e a vida pessoal de Euclides; no segundo, e fugindo da biografia puramente “factual”, vincularia à história da vida a avaliação da obra. As afinidades entre o personagem principal de **Os sertões** e o autor da obra, conforme apontou Ventura na entrevista, seriam as seguintes: a) o Conselheiro terá seu caráter formado a partir de violências envolvendo sua família no Ceará; Euclides troca tiros com Dilermando de Assis em ato que resultou na morte do escritor; b) Conselheiro foi um construtor de cemitérios e igrejas; Euclides reformou pontes; c) Conselheiro foi traído pela mulher no Ceará; Euclides, ao retornar em 1906 da Amazônia, encontra Ana, sua mulher, grávida de Dilermando de Assis (com quem, aliás, ela se casa após a morte de escritor); d) Conselheiro e Euclides eram órfãos; e) um e outro tinham muita fé: o primeiro se guiava pela religião; o segundo, pela ciência. Ventura neste passo se apoiaria – e registrou isto numa nota – em Plutarco ou no “princípio das vidas paralelas” e ao conjunto integraria uma interpretação do Conselheiro como personagem inventado por Euclides, “que aponta em sua vida os componentes trágicos e arcaicos que acabaram se projetando sobre sua [de Euclides] vida”.

Já para a parte final da biografia, Ventura discorre sobre as primeiras edições e a repercussão de **Os sertões**, abordando ainda **Um paraíso perdido**, o “segundo livro vingador” que Euclides pretendia escrever, agora sobre a Amazônia. Neste livro Euclides “queria integrar, como em **Os sertões**, uma ampla interpretação histórico-cultural ao tom elevado do clamor por justiça social”. Ventura mostra que a natureza

amazônica é, do ponto de vista de Euclides, “um livro aberto” e a passagem do homem por ela, sendo efêmera, é também traumática: “São [os homens] ‘construtores de ruínas’, entregues ao extrativismo econômico e à devastação ambiental”. A Amazônia, o sertão e o sertanejo esquecido são, na apreciação do biógrafo, interpretados por um narrador-viajante que os “insere na história” (Ventura já observara em outro passo que, para Euclides, o sertão é “aquilo que está fora da escrita da história”). O narrador euclidiano, assim, tanto nos textos sobre a Amazônia como em **Os sertões**, “dialoga com a tradição dos relatos de viagem, com suas descrições botânicas e observações climáticas”. No capítulo final, Ventura – sempre muito metucioso e amparado em rica documentação – narra, com alguns de seus desdobramentos, a “tragédia da Piedade”, a ida de Euclides de Copacabana ao subúrbio da Piedade, na manhã de 15 de agosto de 1909, para morrer em tiroteio com os irmãos Dinorá e Dilermando de Assis.

O livro – indispensável para os estudos euclidianos – traz também uma detalhada cronologia e uma excelente bibliografia. Louve-se, para concluir, o trabalho dos organizadores Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana – foram muito competentes na tarefa de recolher, auxiliados por Marcia Zoladz, o material deixado por Roberto Ventura em arquivos de computador, enfeixando-o num volume em que o essencial da obra (excluindo-se a anunciada abordagem das afinidades entre a vida de Euclides e a do Conselheiro e a interpretação mais rigorosa deste último como personagem elaborado pelo escritor) não nos parece tão comprometido, mesmo ocorrendo aqui e ali os cortes decorrentes de eventuais excertos ou alterações que o biógrafo faria. A redundância de certas frases ou fragmentos também não compromete o texto – o leitor entende...

2 “OS SERTÕES: DIAGNÓSTICO DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA”²

O livro de Euclides da Cunha, **Os sertões**, é uma obra que, em certos aspectos, tem muito a ver com a realidade atual do Brasil. A importância do livro reside sobretudo no fato de Euclides ter focalizado de perto o problema das nossas disparidades sociais, regionais, ainda agora bastante visíveis. Euclides não só denunciou um crime (o do Exército contra os canudenses), mas fixou um problema que está na formação da sociedade brasileira – o do desprezo histórico às populações interioranas do país, que ainda agora se deslocam para virar miseráveis nas grandes cidades. E esse fluxo de pessoas para os grandes centros urbanos (que se intensificou desde o início da segunda metade do séc. XX) é, em grande medida, fruto do modelo econômico, da falta

² Artigo publicado no Caderno 2, de **O Estado de S. Paulo**, em 1º de dezembro de 2002, véspera dos cem anos da publicação de *Os sertões*

de uma reforma agrária.

Se se formula a pergunta: o que faz com que **Os sertões** tenha status de literatura e, mais, seja aclamado em seus cem anos como uma das mais importantes obras da cultura brasileira? A resposta é: o estilo de Euclides. Sobre o estilo euclidiano já falaram em “jogo antitético”, em “barroco científico”, etc. É visível em **Os sertões** uma mistura dos gêneros literários (o épico, o lírico e o dramático). Além disso, o esforço de Euclides em decifrar aspectos fundamentais da nossa nacionalidade é um atributo literário de imenso valor. Um outro fator é o da intertextualidade. Ou seja, a grande massa de informações com as quais Euclides trabalha no livro, apoiando-se amplamente nas teorias do seu tempo (algumas delas hoje já reconsideradas). Citando Walnice Nogueira Galvão: “Em A Terra, são mobilizados peritos em geologia, em meteorologia, em botânica, em zoologia, em física, em química. Em O Homem, o mais polêmico e que gera toda espécie de conjecturas, são passados em revista escritos de etnologia, de história da colonização, de folclore, de psiquiatria, de neurologia, de sociologia. Na parte d’A Luta, o autor recorre não somente a suas próprias reportagens e anotações em cadernetas de campo, mas também aos registros de outros correspondentes, às ordens do dia do Exército, aos relatórios de governo”.

A Guerra de Canudos – que ocorreu entre 1896 e 1897 no interior da Bahia, com quatro expedições militares contra o arraial fundado por Antônio Conselheiro – foi um dos episódios mais sangrentos da nossa história. Ela se dá no momento inicial da República, tornando-se um conflito que revela bem o lado violento da modernidade. Euclides, em **Os sertões**, elabora muito bem a “inversão de papéis” (aspecto que Roberto Ventura comenta com brilho em seu ensaio “Euclides da Cunha no Vale da Morte”, que consta de “**O Clarim e a Oração: cem anos de Os sertões**”, livro que organizei e que foi lançado em agosto último pela Geração Editorial). Ou seja, em certos momentos Euclides caracteriza o Exército como bárbaro e os jagunços como civilizados. Assim, a importância de **Os sertões** está ainda no fato de ser uma obra que abre o séc. XX fazendo uma das mais importantes interpretações do Brasil a partir da realidade específica do sertão.

Uma pergunta que se costuma fazer é: sem o texto de Euclides, a Guerra de Canudos ganharia o alcance que teve? A resposta: é provável que não. O livro de Euclides, por sua construção, por sua qualidade literária, terminou fazendo com que a Guerra de Canudos permanecesse viva, permanentemente lembrada, amplamente discutida. De fato, o alcance do episódio foi muito maior com o relato agudo de Euclides. Se lembrarmos do Contestado, por exemplo, veremos que não houve um “livro vingador”, uma obra com força literária que fizesse com que esse episódio – tão violento quanto o de Canudos – permanecesse vivo como o conflito no interior da Bahia relatado por Euclides. De qualquer forma, a associação mais nítida que se tem feito de Canudos é mesmo com o Contestado, levante que se iniciou em 1912 e foi até 1916 na

região Sul (Santa Catarina/Paraná). O líder desse levante, o profeta/curandeiro Miguel Lucena Boaventura, que adotou o nome de José Maria, tinha certas semelhanças com o Conselheiro. O Contestado e Canudos têm pontos parecidos – condenação à República, fundação de uma cidade santa, etc. Um e outro, fundados em bases messiânicas, tiveram como raiz problemas de natureza econômica e política. Mas, repito, o Contestado não teve o Euclides que merecia.

E como definir **Os sertões** em termos de gênero? Nesse problema de classificação da obra há pelo menos três posições. Há aqueles que acham, como o historiador da literatura Alfredo Bosi, que não se deve enquadrar o livro em “determinado gênero”, já que “a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo”. Há quem viu, caso de Afrânio Coutinho, o texto euclidiano como “obra de ficção”. Há ainda aqueles, como Massaud Moisés, que entendem como “cômica” a posição de não enfrentar a questão da classificação da obra – daí dizer que o livro se trata de um “ensaio recheado de elementos estéticos e literários”. Fico com a opinião de Bosi – é a mais coerente, é a que mais atende à natureza do livro. Isso porque a obra permite, efetivamente, várias entradas. Ela acata leituras a partir de vários pontos de vista. Vejo, por outro lado, que a leitura do livro como obra literária (ou pelo menos como “artefato verbal”, para usar uma expressão de Hayden White, historiador norte-americano) tem gerado bons trabalhos. Entre os bons ensaístas da questão literária de **Os sertões**, aponto Roberto Ventura, Luiz Costa Lima, Walnice Nogueira Galvão, Leopoldo Bernucci e Berthold Zilly.

Lembremos rapidamente de um livro de ficção baseado em **Os sertões** propondo uma última pergunta: afinal, como Mario Vargas Llosa traduziu Canudos em seu romance **A guerra do fim do mundo**, de 1981? Bem, a resposta aqui, sem a pretensão de ser definitiva, é também rápida: Vargas Llosa não decifrou tão bem o sentido da guerra como Euclides da Cunha. Ele viu mais “fanatismos” de todos os lados (os quais curiosamente se equivalem no seu romance) como causa do conflito. Entendo isso como uma redução da História. As causas da guerra têm raiz na formação da sociedade brasileira. Contudo, o livro de Vargas Llosa não deixa de ter um rico diálogo com **Os sertões** e vale a pena ser lido.

Já a leitura de **Os sertões** se torna necessária sobretudo porque, como bem disse Antonio Candido, é uma obra que assinala “o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira”. E que belo começo!